



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO A UM GRUPO DE PEREGRINOS DE EL SALVADOR

*Sala Régia
Sexta-feira, 30 de Outubro de 2015*

[Multimídia]

Estimados Irmãos no Episcopado

Autoridades Sacerdotes, Religiosos Religiosas e Seminaristas

Irmãos e Irmãs, bom dia!

É com grande alegria que recebo hoje a vossa visita e, enquanto vos dou as cordiais boas-vindas, desejo manifestar-vos também o meu carinho por todos os filhos da amada nação salvadorenha. Agradeço a D. José Luis Escobar, Presidente da Conferência Episcopal, as suas cordiais expressões. A todos vós, muito obrigado pela vossa presença calorosa e entusiasta.

O que vos trouxe a Roma foi a alegria pelo reconhecimento como beato de D. Óscar Arnulfo Romero, bom pastor, repleto de amor a Deus e próximo dos seus irmãos que, vivendo o dinamismo das bem-aventuranças, chegou até ao dom da sua própria vida, de modo violento, enquanto celebrava a Eucaristia, Sacrifício do amor supremo, selando com o seu próprio sangue o Evangelho que anunciava.

Desde os primórdios da vida da Igreja nós, cristãos, persuadidos pelas palavras de Cristo, que nos recorda que «se o grão de trigo, ao cair na terra, não morrer, fica só; mas se morrer, produz muito fruto» (Jo 12, 24), nutrimos sempre a convicção de que o sangue dos mártires é semente de cristãos, como afirma Tertuliano. Sangue de um grande número de cristãos mártires que ainda hoje, de modo dramático, continua a ser derramado no campo do mundo, com a esperança certa de que frutificará numa abundante colheita de santidade, de justiça, de reconciliação e de amor a Deus. Mas recordemos que ninguém nasce mártir. É uma graça que o Senhor concede e que de certa forma diz respeito a todos os baptizados. O Arcebispo Romero recordava: «Todos nós devemos estar dispostos a morrer pela nossa fé, ainda que o Senhor não nos conceda esta

honra... Dar a vida não significa somente ser assassinado; dar a vida, ter o espírito do martírio, é doar-se no dever, no silêncio, na oração, no cumprimento honesto do dever; no silêncio da vida quotidiana; dar a vida pouco a pouco» (*Audiência geral*, 7 de Janeiro de 2015).

Com efeito, o mártir não é alguém que permaneceu vinculado ao passado, uma bonita imagem que adorna as nossas igrejas e que nós recordamos com uma certa nostalgia. Não, o mártir é um irmão, uma irmã, que continua a acompanhar-nos no mistério da comunhão dos santos e que, unido a Cristo, não descuida a nossa peregrinação terrena, os nossos sofrimentos e as nossas dores. Na história recente deste amado país, o testemunho de D. Romero uniu-se ao de numerosos irmãos e irmãs, como o padre Rutilio Grande que, sem medo de perder a própria vida, conquistaram-na e foram constituídos intercessores do seu povo diante do Deus vivo, que vive por todos os séculos, e que tem nas suas mãos as chaves da morte e da mansão dos mortos (cf. *Ap 1, 18*). Todos estes irmãos são um tesouro e uma esperança fundada para a Igreja e para a sociedade salvadorenha. O impacto do seu dom pessoal sente-se até nos dias de hoje. Através da graça do Espírito Santo, eles foram configurados com Cristo, como muitas testemunhas da fé de todos os tempos.

Queridos amigos salvadorenhos, a poucas semanas do início do Jubileu extraordinário da Misericórdia, o exemplo de D. Romero constitui para a sua amada nação um estímulo e uma obra renovada da proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, anunciando-o de modo que todas as pessoas o conheçam, a fim de que o amor misericordioso do Salvador Divino invada o coração e a história da vida da sua boa gente. O santo povo de Deus que peregrina em El Salvador ainda vê diante de si uma série de tarefas difíceis de cumprir e, como o resto do mundo, continua a ter necessidade do anúncio evangelizador que lhe permita testemunhar, na comunhão da única Igreja de Cristo, a autêntica vida cristã e o ajude a favorecer a promoção e o desenvolvimento de uma nação em busca da justiça verdadeira, da paz genuína e da reconciliação dos corações.

Nesta circunstância, com tanto carinho por cada um de vós aqui presentes e por todos os salvadorenhos, faço meus os sentimentos do beato D. Romero que, com esperança fundada, almejava ver chegar o feliz momento em que de El Salvador teria desaparecido a terrível tragédia do sofrimento de muitos dos nossos irmãos, por causa do ódio, da violência e da injustiça. Que o Senhor, com uma chuva de misericórdia e bondade, e com uma torrente de graças, converta todos os corações, e que a bonita pátria que Ele vos ofereceu, com o nome do Salvador Divino, se transforme numa terra onde todos se sintam redimidos e irmanados sem qualquer distinção, porque todos nós somos um só em nosso Senhor Jesus Cristo (cf. D. Óscar Romero, *Homilia em Aguilar*, 19 de Junho de 1977).

Gostaria de acrescentar algo, que talvez nos tenha passado despercebido. O martírio de D. Romero não teve lugar unicamente no momento da sua morte; tratou-se de um martírio-testemunho, de um sofrimento anterior, de uma perseguição precedente, até à sua morte. Mas também posterior porque, depois de morto — eu era um jovem sacerdote e disto fui testemunha

— ele foi difamado, caluniado, desonrado, isto é, o seu martírio continuou até por parte dos seus próprios irmãos no sacerdócio e no episcopado. Não são coisas que me contaram, mas ouvi-as eu pessoalmente. Ou seja, porque é bom vê-lo também assim: como um homem que continua a ser mártir. Pois bem, acho que hoje quase ninguém se atreva a fazê-lo. Depois de ter entregue a própria vida, ele continuou a oferecê-la, deixando-se açoitar por todas aquelas incompreensões e calúnias. Só Deus sabe como isto me fortalece! Só Deus conhece a história das pessoas, e quantas vezes pessoas que já entregaram a própria vida, ou que já morreram, continuam a ser lapidadas com a pedra mais dura que existe no mundo: a língua.

Por intercessão de Nossa Senhora da Paz, cuja festividade pudemos celebrar há poucos dias, invoco a Bênção de Deus sobre vós e sobre todos os amados filhos e filhas desta terra abençoada.

Muito obrigado!